

Um Lusófilo Russo ;

Marcos Alexandre Gabinskij

Poucas pessoas estarão cientes da expansão e desenvolvimento dos estudos portugueses na União Soviética. Para dar conhecimento de alguns trabalhos de relevo, levados a cabo por um lusófilo distinto, são as linhas que se seguem.

Trata-se do Dr. Marcos Alexandre Gabinskij, nascido em 1932 em Odessa, formado na Universidade de Leninegrado, em 1953. Como hispanista, trabalhou porém no último ano do seu curso em estudos portugueses, defendendo tese de doutoramento, não sobre temas espanhóis, mas sobre o clero na obra de Eça de Queirós, na base dos romances *A Relíquia* e *O Crime do Padre Amaro*, especialmente, mas referindo-se também a todos os outros romances do autor português, existentes nas bibliotecas de Leninegrado. Nessa tese, escrita em russo, que seria excelente se traduzisse para português, o Dr. Gabinskij ocupou-se da pré-história da obra de Eça: o romantismo português, o folclore lusitano e em especial a obra de Almeida Garrett, que encantou a sua alma russa. Já então o Prof. Gabinskij lia e escrevia bastante bem o português, embora só depois pudesse ter oportunidade de o falar, segundo nos disse, umas quatro ou cinco vezes, com repatriados ucranianos do Brasil, e uma vez, em 1957, com os jogadores de futebol do clube «Bahia», também do Brasil, que visitaram Quichineve, onde trabalha na Academia das Ciências da República Socialista Soviética da Moldávia — Instituto de Línguas e Literatura. Nunca na vida viu um português verdadeiro! Está relacionado com o grande lusitanista de Praga, e nosso particular amigo, Prof. Zdenek Hampl; com a eminente lusófila, directora da Biblioteca de Moscovo, Dr.^a Elena Wolf, e com a também ilustre lusófila Prof. Olga Vassilieva-Svede, catedrática da Universidade de Leninegrado, em presença da qual o Dr. Gabinskij apresentou, já em 1952, em sessão da Sociedade Científica dos Estudantes, uma comunicação sobre o *Infinito Pes-*

soal. Esta senhora foi aliás professora de espanhol do Dr. Gabinskij, na sua graduação de 1948/53.

Depois de se formar em Leninegrado foi o Dr. Gabinskij, para a Moldavia, única República Soviética de língua neolatina (antes a Bessarábia romena). Aí se dedicou logo ao estudo dos traços balcânicos dessa língua, entre os quais é o mais característico a perda do infinito (e suas consequências). Daqui a necessidade de achar um critério linguístico geral do infinito, assim como de muitos conceitos gerais, o que o fez voltar-se de novo para o português, e particularmente para o seu bem conhecido e descrito infinito pessoal, que também não deixa de ser sumamente enigmático, como diz K. Togeby.

De grande importância são os seus artigos sobre *O Semifinitivo Português* (1963), onde o autor considera esta formação original do português, carecendo de designação própria. No entanto, não pretende propriamente estabelecer uma nova terminologia. O seu intento é antes contribuir para a definição linguística geral do infinito, a qual não deve admitir, no seu entender, distinção de número, pessoa ou eventualmente de outras categorias possíveis de estabelecer. «Sintácticas», lhes chama, seguindo a tradição russa; mas em trabalhos posteriores usa outras designações. Certamente que o autor poderia propugnar se mantivesse como excepcional o fenómeno português, mas isolar a tradição portuguesa acarretaria a impossibilidade de alcançar a definição geral do infinito, aplicável a qualquer língua, ao mesmo tempo que se contradiria um número ainda mais vasto de factos gramaticais. De outra forma, o que no infinito pessoal se conjuga, por hipótese, já não poderia ser infinito. Só assim se evitará uma *contradictio in adjecto*.

Em trabalhos posteriores, ainda em publicação, o autor desenvolve estas ideias, que bem é se tornem conhecidas dos nossos filólogos.

Outra obra importante é o livro do Dr. Gabinskij sobre *A aparição do infinito como processo linguístico secundário balcânico (baseado no material do albanês)*. Escrito em russo, refere-se ao português a pags. 28/32, 38/39, 41, 72, 130, 227, etc. Cita trabalhos de Z. Hampejs (Hampl) a págs. 266, M. Molho, a págs. 268 e K. Togeby, a págs. 270.

Da sua autoria é, também em russo, o estudo *Sobre os Indícios Linguísticos Gerais das Partes da Oração*, apresentados ao X Con-

gresso dos Linguistas, de 1967 (há separata). Ao português alude a páginas 59.

Interessante igualmente o seu artigo escrito em moldavo, *Elementos de voz no infinito secundário* (na revista «Limba si literatura moldoveneasca», 1962/4). A págs. 36, o autor refere-se aos limites «ingressivo» e «egressivo» do infinito, inclusive no português. Anote-se que o moldavo é essencialmente o romeno escrito com caracteres cirílicos. Devemos referir, também em moldavo, um artigo excelente acerca de *Infinitivação e Desinfinitivação nas línguas românicas*, onde o que se refere ao português vem a páginas 41/42 (citada revista, 1965/67). Mais desenvolvido, e com algumas precisões, saiu o mesmo artigo numa revista de Moscovo (1966/1).

Escreveu também uma recensão crítica, em moldavo, sobre o livro *Línguas Românicas*, publicado em Moscovo, na citada revista «Limba...», 1966/2, págs. 68/72, aludindo especialmente ao português a páginas 70/71.

Ainda na mesma revista, que tem ilustrado com a sua autorizada colaboração, publicou um artigo importantíssimo, em moldavo, acerca do judeu-espanhol como fonte de informação para a etiologia da perda balcânica do infinito (1963/3, págs. 42/51). Não fala aqui no português, e sim no infinito em geral, baseando-se sobretudo no judeu-espanhol da Macedónia, que conhece, além de outros fenómenos comuns ao Ocidente Ibérico, também o emprego esporádico do infinito pessoal, que aparece até nos textos de C. Crews, entre outros autores. As ideias expostas neste artigo foram pelo autor resumidas em castelhano no volume *XIIIeme. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Rapports et communications. Résumés*, Bucareste, 1968, pág. 65.

É autor de mais de 100 trabalhos, entre os quais, além dos já citados, *Formação e perda do infinito albanês primitivo* (no contexto do problema do infinito nas línguas balcânicas), Leninegrado, 1970; *Esboços de fundamentos gramaticais*, Quichineve, 1972; *Variação gramatical no moldavo*, Quichineve, 1980.

Participou (sempre por correspondência) em seis congressos internacionais: — Sófia, 1966 (balcanologia), Bucareste, 1967 (linguistas); Bucareste, 1968 (romanistas), Nápoles, 1974 (romanistas) Bucareste, 1974 (balcanólogos) e Palma de Maiorca, 1980 (romanistas). A maioria dos artigos que tem escrito tratam do infinito, partes da oração (especialmente substantivo e verbo), categorias gramaticais e, também, etimologias moldavas e outras relativas a

línguas vizinhas. Os idiomas investigados vêm sendo, em primeiro lugar, o moldavo e, depois, o albanês, o judeo-espanhol, o macedônio (eslavo), o grego (demótico), o ucraniano, o russo, não esquecendo o português, o espanhol e a linguística em geral.

São extraordinariamente notáveis os últimos trabalhos sobre a variação, o artigo, as etimologias, trabalhos entre os quais salientamos o que agora se apresenta neste «Boletim» ao público português, traduzido do moldavo pelo distinto romenófilo e linguista Dr. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca.

Como todos podemos observar, a língua de Tolstoi tem uma fonética muito parecida com a do português (1). Este mesmo fenómeno tem sido observado pelo Dr. Marcos Alexandre Gabinskij, eminente filólogo da União Soviética, que nos honra, como honra a cultura russa e moldava, com os seus estudos.

Francisco J. Vellozo

(1) Não indagamos agora a razão disso, como a da semelhança dos Portugueses Europeus com certas populações, designadamente *eslavas*, da Europa Central, que não escapou à aguda observação de Gustav Faber, de quem são estas linhas:

«Tipologicamente, os vestígios das ondas de invasores germânicos no território português permaneceram mais fortes [do que no espanhol]: o português assemelha-se mais visivelmente ao tipo centro-europeu de que o espanhol, tendo a cor do cabelo um tanto mais clara (o que também vale quanto à Galiza, vizinha setentrional)» (*Portugal*, Munique, Prestel Verlag, 1972, pág. 12).

Sabe-se que os lenços ou xailes, assim como vários trajes de mulher, aqui, evocam os da Boémia, por exemplo.